

AS DIMENSÕES PRAGMÁTICO-DISCURSIVAS DO TEXTO JORNALÍSTICO

Avani de Oliveira

O fenômeno da significação instaura-se através da relação entre a representação de uma mensagem e seu referencial informativo, pois a linguagem, além de apreender o conjunto de articulações necessárias que se situa na esfera racional, também congrega as associações da vontade individual. Os elementos que constituem a significação postulam o *ato de dizer*, implicando a presença dos comunicantes; a partir daí, os atos de fala se concretizam com base na subjetividade dos sujeitos envolvidos, transportando para o processo comunicativo uma perspectiva de interação e de intersubjetividade.

Este trabalho focaliza as dimensões pragmático-discursiva, bem como a constituição do texto jornalístico enquanto *unidade discursiva* e busca explicar a sua configuração como 'relato de aparência', de caráter transitório no contexto das informações que veicula, também a tendência para a variante interpretativa, que vem favorecendo a contextualização das informações, o que conforme Lage (1997), é significativo por um lado, mas por outro faz o texto jornalístico perder a sua imparcialidade. Ao lado de substrato teórico-metodológico que articula semântica, pragmática e discurso, incluímos a análise de doze enunciados, retirados das seções de

Política e Economia (seis de cada seção), da **ZERO HORA** de POA/RS, de 28 de junho de 1997.

A constituição do texto jornalístico como *unidade discursiva* pressupõe a sua inserção na idéia mais abrangente de Texto, onde passa a ser entendido como ‘produto’ de uma *semiose* e adquire o estatuto de signo. Em razão disso, podemos prever que ele contraia as relações que lhes são peculiares, ou seja, intratextuais: entre conteúdo/expressão e, no interior de cada plano, entre forma/substância; e extratextuais: entre o texto - objeto de análise - e todos os demais textos produzidos pela mídia impressa. O texto jornalístico também se inscreve no âmbito pragmático-discursivo porque, além das funções que contrai nos planos interno e externo, evidencia marcas do processo enunciativo que detêm todas as nuances do contexto sócio-econômico, político-ideológico da sociedade em que se insere.

Por esta razão, o presente estudo destaca as dimensões pragmático-discursiva do texto jornalístico, apoiado numa articulação teórico-metodológica que propicia a adjunção dos fatores extratextuais e complementares à constituição da mídia impressa. O discurso jornalístico cumpre a finalidade a que se propõe, ou seja, veicular fatos e versões dos fatos no contexto da sociedade em que circula.

Os processos dialéticos do sistema cultural congregam uma multiplicidade de elementos que extrapolam o sistema lingüístico, diversificando o plano do significado no ato da enunciação. Desta forma, as dimensões pragmático-discursiva do texto jornalístico, em especial das seções de Política e de Economia, evidenciam que o propósito do jornal é o de *informar* o que ocorre no meio circulante. Não há pretensão de convencer o leitor/consumidor sobre o que noticia; essa tipologia textual se configura como ‘relato de aparência’ ainda que pese a tendência para a variante interpretativa, que vem

favorecendo a contextualização das informações em diferentes contextos sócio-interativos.

Para Van Dijk (1990), o discurso jornalístico vem, nas últimas décadas, cedendo aos apelos da modernidade e o *lead* passa a oscilar entre a sua concepção original - de 'relato de aparência' - e a variante interpretativa, subsidiada por três fatores: o primeiro se refere ao primado dos fatos econômicos, científicos e tecnológicos que, interpretados, serão de melhor valia para a sociedade de consumo; o segundo liga-se ao interesse da indústria da informação diária em oferecer ao leitor/consumidor mais do que a simples informação do fato; e o terceiro ancora-se nas estratégias de mercado, pois a instância interpretativa salvaguarda de forma mais eficaz as iniciativas de controle de opinião. Também aqui fica preservada uma *interface* da história com a ideologia.

A relação imbricada que se instaura no contexto da informação deflagra características muito peculiares para o texto jornalístico; a linguagem deve primar pela simplicidade, pela precisão e pela objetividade. Do ponto de vista filosófico e lingüístico, o jornalismo atua na singularidade dos fatos/eventos, por isso subsidia-se com ampla documentação fatural, a fim de manter o melhor grau de fidedignidade e, em especial, de assegurar a articulação entre o referente, o sujeito e o objeto:

Contexto Filosófico

Referente ® ponto específico no mundo = concreto

Sujeito ® ser pensante

Objeto ® algo que existe no mundo

Contexto Lingüístico

Referente ® o que é tomado como foco = sobre o que se fala

Sujeito ® ser sobre o qual se afirma algo

Objeto ® algo a que se refere (atua como complemento do verbo).

É importante considerar que a comunicação cumpre o papel enunciativo de manifestar os anseios e aspirações dos indivíduos nos mais amplos domínios, razão por que a linguagem traduz os assujeitamentos que deixam entrever o conjunto de constantes e coerções pré-existente a qualquer ato efetivo de comunicação; o texto jornalístico como unidade discursiva dá conta dos eventos que ocorrem e que geram as notícias e as reportagens veiculadas. O jornal informa diariamente o que aconteceu ontem; assim ele institui, para o leitor, uma ilusão de verdade acerca dos episódios que se sucedem no mundo.

1.A NOÇÃO DE PRAGMÁTICA

A interação comunicativa articula-se a partir da intencionalidade do enunciador que, de posse de um conjunto de valores inscritos na sua própria visão de mundo, ingressa no universo sócio-interativo que pretende. No caso do discurso jornalístico, a linguagem é mediadora das intenções da indústria da notícia que deseja 'vender' um produto, além de afirmar sua credibilidade, de um lado, e de outro, atender às expectativas do consumidor - leitor - que precisa receber informação acessível e de qualidade.

Nessa perspectiva, as dimensões pragmáticas assumem papel relevante, pois situam a linguagem jornalística numa esfera racional que, segundo Parret (1986), auxilia na configuração dos efeitos de sentido que se espraiam nos enunciados do texto jornalístico, para expressarem as referências informativas das notícias em seus respectivos contextos.

Van Dijk (1992), alerta para o fato de que "... a compreensão pragmática constitui-se de uma série de processos, através dos quais os usuários da língua, reciprocamente, atribuem aos seus

enunciados atos convencionais particulares, isto é, forças ilocucionárias." É necessário salientar que todos os componentes contextuais (relevantes e/ou circunstanciais) podem estar envolvidos na compreensão pragmática, o que justifica o fato de muitas vezes não conseguirmos atribuir compreensão necessária, adequada e suficiente a um determinado enunciado.

Do ponto de vista pragmático, a compreensão de qualquer discurso (inclusive aqui o jornalístico) pressupõe um *background*, o que justifica a tendência para que os estudos da notícia sejam realizados numa perspectiva macrossociológica, integrada com o contexto institucional, profissional e cultural da produção da notícia, que se não for a forma mais correta, é pelo menos segura para subsidiar um processo de análise.

2.A NOÇÃO DE DISCURSO

O discurso é dimensionado por Orlandi (1994:295) como um objeto histórico cuja materialidade específica é a lingüística. É nessa perspectiva que se verifica a relação complexa entre o lingüístico e o discurso, entre a lingüística e a análise do discurso. Por essa razão, a AD focaliza os processos característicos de uma formação discursiva, levando em conta o imbricamento existente entre o processo de produção de um determinado discurso e as condições em que ele é efetivamente produzido.

As configurações ideológicas determinam o *assujeitamento* dos interlocutores e isso faz com que o discurso seja pensado numa perspectiva interacional, que traduza as relações do sujeito enunciatador com o seu mundo e com a sua linguagem. Os indivíduos são capazes de apreender as diversas nuances de sentido que se estabelecem no meio em que vivem; eles conseguem distinguir *apelos, declarações, coerções, pedidos*, etc. As instâncias

enunciativas são compartilhadas, razão por que fica assegurado o entendimento dos participantes.

Os enunciados manifestam, no nível do sistema lingüístico, um *mundo construído*, um conhecimento prévio, que é familiar à comunidade. Eles atuam como indicadores de grandezas-signos entre as quais deve existir coerência intracultural, consciência da unidade e progressão histórica de suas expectativas. É nesse âmbito que se inscreve a dimensão pragmática, buscando assegurar a articulação do complexo sócio-lingüístico-cultural que subjaz no repertório de enunciadadores/enunciatários no contexto da comunicação.

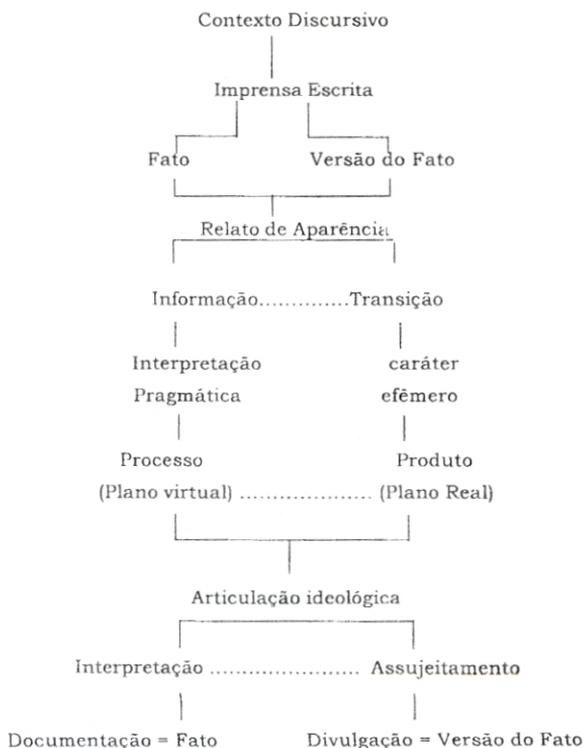
Todo enunciado produzido constitui uma tentativa de convencimento, de persuasão, pois a manifestação discursiva é o meio pelo qual os interlocutores se relacionam no mundo de que participam. Assim, o discurso se assenta no que Perelman denomina *objetos de acordo*, ou seja, sobre as convenções que a própria comunidade estabelece como regras, conceitos, valores, mitos entre outros. A capacitação humana é traduzida nas ações efetivas dos sujeitos, e os efeitos de sentido mais relevantes que produzem marcam seu estágio de vida e os tornam 'participantes' nas mudanças da sua própria história.

Nessas articulações ficam configuradas as competências técnica e ética, na medida em que elas respaldam as atuações dos sujeitos. O universo jornalístico mantém uma relação de compatibilidade com a análise do discurso, pois o texto, enquanto discurso manifesto, tem de cumprir um papel social de noticiar, de informar. Para tanto, ele precisa *associar* as expectativas da empresa que produz o jornal com as aspirações dos leitores (consumidores), onde fica fortemente pressuposto o conhecimento socializado.

3.A INTERAÇÃO PRAGMÁTICO-DISCURSIVA

No âmbito do discurso estão guardadas as subcategorias enunciativas do texto, que possibilitam a definição de categorias solidárias, através das quais ocorre a associação entre os componentes lingüísticos, ideológicos e sociais. Nesse imbricamento é que se inscreve a pragmática, articulando os planos intra- e extratextuais.

À luz da perspectiva que privilegia a construção do texto, como processo de produção de sentido, a interação pragmático-discursiva passa a configurar uma combinatória de regras, de constantes que explicitam as inserções histórico-ideológicas do texto jornalístico, enquanto unidade discursiva:



A explicitação dos mecanismos que envolvem a interação pragmático-discursiva leva em conta a organização intratextual no plano do conteúdo que, partindo da sua própria manifestação de sentido, relaciona elementos que residem na esfera ideológica do contexto enunciativo. A análise de enunciados do texto jornalístico como unidade discursiva prevê a associação intertextual, privilegiando o contexto noticiado entre outros potencialmente viáveis.

4. PROCESSO DE ANÁLISE

Um processo de análise que focaliza as dimensões pragmático-discursiva do texto jornalístico deve buscar a apreensão do conjunto de procedimentos que responde pela organização textual, pela demonstração de constâncias e regularidades que permitam a articulação do sistema de valores que respalda a constituição da notícia. A natureza das categorias textuais do discurso jornalístico privilegia o eixo comunicativo. Assim, congrega o elenco de regras inerente a essa tipologia passível de ser assimilado pela comunidade, onde já existem premissas interativas em relação aos 'recortes' culturais e ideológicos com os quais a comunidade se identifica.

O jornalismo, como indústria da notícia, assume a incubência da produção diária de novidades e, ao lado disso, assinala a evolução do *lead*, que em sua concepção original, "...reporta-se às aparências do fato, não ao que o homem tem por sua essência. Assim, a notícia é de que os astronautas chegaram à Lua, não de que os Estados Unidos ganharam um *round* na luta pela conquista do espaço, nem de que a humanidade deu um salto para fora de

seu habitat, embora essas duas proposições possam ser a essência histórica do que aconteceu” (Lage, 1997). No entanto, na ótica evolutiva, o fato em si passa a ser uma espécie de documentação do *lead* interpretativo, favorecendo o acréscimo dos formatos ideológicos que subjazem às interpretações.

A constituição do texto jornalístico e sua inserção nas instâncias discursivas do universo da informação dimensionam um sistema de normas consuetudinárias, que virtualmente existe na memória cultural dos integrantes da sociedade em que essa tipologia textual é produzida e consumida. O contexto situacional, as circunstâncias interativas respaldadas pela pragmática geram fatos que subsidiam as informações referenciadas no texto; a noção de relevância subsume e hierarquiza as condições de produção, dando origem ao plano textual por excelência.

5.0 CONTEXTO POLÍTICO

Na perspectiva pragmático-discursiva, o contexto político evidencia os níveis informativo, comunicativo e cultural-ideológico, atualizando percursos interacionais que asseguram a relação de pertinência com o plano da manifestação discursiva.

- (1) “Queria explicar que não tinha conotação racista a afirmação feita por ele no dia anterior, de que o Pelé e o asfalto da rua são ‘dois pretos admirados’ no país.”

- O enunciado flagra um momento infeliz do Ministro dos Transportes, que se obriga a pedir desculpas publicamente pelo ‘deslize’ de sua argumentação. Esse fato aponta para as implicações éticas de uma autoridade: seu discurso deve manter coerência com suas ações e com os princípios que regem as relações no contexto

político do país.

- (2) “A intenção, explicam seus assessores, é desfazer qualquer mal-entendido e colocar-se à disposição para o engajamento no trabalho `destas entidades que lutam contra o racismo`”.

- Além da retratação pública, o Ministro vai mais longe, ele vai convocar os líderes da comunidade negra para reiterar que sua declaração foi apenas “desastrada”, sem nenhuma conotação racista. Ministro pode cometer `desastres` desse tipo? (A professora universitária - negra - não foi perdoada pela comunidade judaica). Aparentemente, a condição de Ministro ameniza a declaração inadequada e a retratação é aceita: Ministro pode ser racista que não é punido.

- (3) “Os moradores dos 30 municípios emancipados em 1996 acordaram decepcionados ontem. A comemoração dos emancipacionistas pela aprovação dos eleitos em Arroio do Padre, lugarejo a 50 quilômetros de Pelotas, seria na próxima segunda-feira, mas foi cancelada por tempo indeterminado”.

- O veto presidencial acaba com a festa e, mais que isso, acaba com a esperança dos emancipacionistas, não só deles, como dos candidatos às eleições municipais em 98. A morosidade, as divergências e as indefinições da equipe do governo acabam frustrando a população, além de retardar, o que já é uma prática, decisões importantes para o desenvolvimento de etapas fundamentais no processo administrativo do país.

- (4) “Os advogados de defesa do ex-assessor da Comissão Mista de Orçamento do Congresso José Carlos Alves dos Santos, acusado de ser o mandante do assassinato de sua mulher, Ana Elizabeth dos Santos, em novembro de 1992, vão tentar sustentar que o ex-deputado João Alves (BA) tinha ligações com o detetive Lindauro da Silva, executor do crime e condenado a 21 anos de prisão.”

- Embora outros episódios tenham atuado como ‘cortina de fumaça’ no contexto dos escândalos políticos do país, a condenação de José Carlos pelo assassinato de Ana Elizabeth, mesmo enredado nas falcatruas dos ‘anões do orçamento’, é previsível (e de fato ocorreu).

- (5) “Ontem, o juiz Ademar Silva de Vasconcelos limitou-se a ler centenas de peças do processo, a pedido do promotor Zacarias Mustafá e dos advogados do réu: Joaquim Flávio Espíndola e Eraldo Paupérrio.”

- O julgamento adquire proporções amplas, pois, além do crime em si, há as implicações políticas dos escândalos que envolveram e ainda envolvem os representantes do povo nos mais diversos escalões do governo.

- (6) “Mustafá pediu a exibição de um vídeo revelando como ocorreu o assassinato.”

- Os episódios que cercam esse assassinato estão imbricados nas maracutáias executadas pelos antigos *anões do orçamento*. A eliminação de Ana Elizabeth passa a ser justificada como “queima

de arquivo”, já que ela sabia o que não devia saber.

6.O CONTEXTO ECONÔMICO

O propósito de incluir o contexto econômico justifica-se pelo fato de que em seu âmbito são instauradas as negociações e transações que dão conta da efetiva atuação dos nossos representantes. Também pode ser verificada nesse universo a grande afinidade com o panorama político que vem orientando as perspectivas sócio-econômicas e ideológicas do país.

- (7) “Empresários, políticos e técnicos resistem à proposta gaúcha de fechar o banco regional.”

- A política das privatizações parece ter espreado seu contágio a todos os estados do país. Os políticos parecem ter esquecido como se faz para ‘corrigir erros’ e acertar as coisas. Será que nossos administradores são realmente competentes? Por que sempre escolhem o caminho mais fácil (para eles), pois gera desemprego, preocupações, prejuízo para a região. Há alternativas para manter o banco, mas falta vontade política de fazê-lo.

- (8) “O catarinense Nelson Wedekin, diretor de operações especiais do BRDE, advertiu que a divisão do patrimônio do BRDE deverá render uma pendência jurídica de muitos anos.”

- As discussões giram em torno da divisão do patrimônio do BRDE. Pelas expectativas dos economistas, o banco pode ser mantido se reformular sua forma e gestão, ou então sua liquidação implicará um processo que se arrastará por muito tempo, como tudo o que

envolve as decisões judiciais em nosso país.

- (9) “Anfitrião do debate, Mauro Knijinik, presidente da Federasul, esclareceu pouco sua posição sobre a extinção do BRDE. ‘O Estado já perdeu várias oportunidades de alavancar seu desenvolvimento’, ponderou.”

- Há clareza por parte dos economistas de que o fechamento do BRDE, ou mesmo a idéia de que isso possa ocorrer, já está gerando prejuízo no RS. A equipe de economistas e técnicos do governo gaúcho desconhece esse fato? Por que não atua com eficácia no sentido de buscar a melhor solução? Pode ser descaso, incompetência ou mesmo um ardiloso jogo político.

- (10) “Na carta, que serve de referencial às decisões do Executivo Estadual, os economistas previnem que é melhor estar preparado para um desempenho mais modesto na arrecadação gaúcha nos próximos meses.”

- O informe econômico acena com perspectivas nada otimistas para os cofres do estado. O acúmulo de tributos que pesa no bolso da população mostra-se eficaz na cobrança, mas descuida na contrapartida que deve à sociedade gaúcha.

- (11) “O crescimento do nível de inadimplência, já verificado em outros setores, está assustando agora o mercado imobiliário gaúcho.”

- A crise econômica atinge agora as imobiliárias, o que causa grandes preocupações, pois a oferta de imóveis força a queda no

valor do aluguel e, além disso, a falta de dinheiro faz com que aqueles que estão alugados também não gerem receita.

(12) “O comentário fez o deputado federal Nelson Marchezan (PSDB-RS) saltar da cadeira. Coordenador das três bancadas por um ano, Marchezan listou casos em que interferiu pessoalmente.”

- A reação do deputado Marchezan frente às declarações do ex-diretor Reinaldo Peixoto Ribeiro sobre a desarticulação dos estados do Sul assinala a defesa do BRDE. O deputado Marchezan reagiu indicando exemplos que comprovam a atuação conjunta dos estados do Sul, como o projeto do gasoduto e a implantação do pólo petroquímico, entre outros.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indivíduos detêm a capacidade de transformar, aperfeiçoar e *des*vendar o mundo através da linguagem. Os meios tecnológicos à disposição dos indivíduos na era moderna ampliam as suas possibilidades, agilizando as informações e imprimindo melhor qualidade na produção de textos no âmbito da mídia impressa.

A informática traz uma gama de contribuição para a melhoria das comunicações. Embora, nós da área humana, tenhamos dificuldade para transitar no universo da ciência da computação, estamos diante de uma realidade que impõe um contato urgente, no sentido de viabilizar uma espécie de *interface* para utilizarmos os recursos oferecidos. Parece que hoje a ciência computacional ‘anda de avião’; precisamos de um lugar nesse voo.

A apreciação de enunciados do contexto jornalístico parece deflagrar uma espécie de interpretação do óbvio, pois os dois

contextos escolhidos situam os fatos como novidades, quando eles já possuem uma *cara conhecida* devido ao fato de tratarem dos problemas do país, alguns realmente novos, outros reconstituídos a partir de fatos do passado como é o caso do julgamento do ex-anão do orçamento.

É importante salientar ainda que as informações veiculadas cumprem um papel social e fazem com que os indivíduos atuem como cidadãos participantes da história do seu tempo.

O contexto jornalístico subsume as associações que se processam e que se traduzem em fatos/eventos, para comporem o cenário de notícias que justifica a existência de uma sociedade viva nos dias de hoje

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSER, L. (s.d.) *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Lisboa/São Paulo: Presença, Martins Fontes.
- BARROS, Diana. (1988). *Teoria do discurso*. São Paulo, Atual.
- DUCROT, Oswald. (1977). *Princípios da semântica lingüística: dizer e não dizer*. São Paulo, Cultrix.
- GREIMAS, A. Julien (1979). *Semântica estrutural*. São Paulo, Cultrix.
- FONSECA, F. I. & FONSECA, J. (1977). *Pragmática lingüística e ensino do português*. Coimbra, Almedina.
- FURLANETO, Maria Marta. (1997). *Tenho o trabalho na cabeça*. Ensaio, Florianópolis, mimco.
- HELMSLEV, Louis. (1975). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Sêrre Estudos. São Paulo, perspectiva.
- ILARI, R. & GERALDI, J. W. (1990). *Semântica*. 4. ed., São Paulo, Ática.
- LAGE, Nilson. (1979). *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis, Vozes.
- _____. (1990). *Linguagem jornalística*. 3. ed., Série Princípios, São Paulo, Ática.

- _____. (1997). *A gramática do texto jornalístico*. Ensaios, Florianópolis, UFSC, mimeo.
- MAINGUENEAU, D. (1993). *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, Pontes, UNICAMP.
- MARCUSCHI, L. A. (1983). *A propósito das estratégias jornalísticas*. Série Estudos. CUL/FIU, Uberaba.
- ORLANDI, Eni. (1996). *Discurso e leitura*. 3. ed., São Paulo, Cortez, Campinas, UEC. Col. Passando a limpo.
- PARRET, H. (1986). *Enunciação e pragmática*. Campinas, UNICAMP.
- VAN DIJK, T. A. (1990). *La noticia como discurso - comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona - Buenos Aires, Paidés.
- _____. (1992). *Cognição, discurso e interação*. São Paulo, Contexto (Org. e Trad.: Ingedore V. Koch),
- VOGT, C. (1981). *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo/Campinas, HUCITEC.
- _____. (1983). *Pragmática: o rosto e a máscara da linguagem*. Sobre pragmática, Série Estudos, n. 9, São Paulo, CHLFIU.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. (1994). *Investigações filosóficas*. Petrópolis, Vozes, Col. Pensamento Humano.